



BOLETIM DE COMÉRCIO  
EXTERIOR DA BAHIA  
MAIO 2024

# Sumário

## Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Maio 2024, 3

### Importações, 7

#### Apêndice A – Maio 2024

Tabela I – Balança comercial – Brasil
Tabela II – Balança comercial – Bahia
Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
Tabela IV – Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
Tabela V – Exportações brasileiras – Regiões
Tabela VI – Exportações brasileiras – Principais estados
Tabela VII – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
Tabela VIII – Exportações baianas – Principais municípios
Tabela IX – Exportações baianas – Fator agregado
Tabela X – Exportações baianas – Principais segmentos
Tabela XI – Exportações baianas – Principais segmentos por produtos
Tabela XII – Exportações baianas – Principais produtos
Tabela XIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
Tabela XIV – Importações brasileiras por regiões
Tabela XV – Importações brasileiras – Principais estados
Tabela XVI – Importações nordestinas por Estado
Tabela XVII – Importações baianas – Principais municípios
Tabela XVIII – Importações baianas – Categorias de uso
Tabela XIX – Importações baianas – Principais produtos
Tabela XX – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

#### Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Maio 2024

Tabela I – Balança comercial – Brasil
Tabela II – Balança comercial – Bahia
Tabela III – Exportações brasileiras – Regiões
Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
Tabela VII – Exportações baianas – Fator agregado
Tabela VIII – Exportações baianas – Principais segmentos
Tabela IX – Exportações baianas – Principais segmentos por produtos
Tabela X – Exportações baianas – Principais produtos
Tabela XI – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
Tabela XII – Importações brasileiras por regiões
Tabela XIII – Importações brasileiras – Principais estados
Tabela XIV – Importações nordestinas por estado
Tabela XV – Importações baianas – Principais municípios
Tabela XVI – Importações baianas – Categorias de uso
Tabela XVII – Importações baianas – Principais produtos
Tabela XVIII – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos



#### Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

#### Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

#### Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

#### Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

#### Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

#### Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Pedro Henrique Ferreira Matos (estagiário)

#### Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

#### Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

#### Coordenação de Produção Editorial

##### Editoria de Arte

##### Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

#### REVISÃO ORTOGRÁFICA

2Designers

#### EDITORAÇÃO

Nando Cordeiro

Apesar do aumento de 31,3% nos preços médios dos produtos exportados em maio, em comparação com igual mês do ano passado, a queda do volume embarcado em 36,5%, pelo quarto mês consecutivo, foi fator determinante para que as exportações baianas acusassem uma retração de 16,8%, no comparativo interanual, somando US\$ 772,9 milhões. No acumulado do ano até maio, as exportações estaduais registraram vendas de US\$ 4,27 bilhões, em estabilidade frente ao mesmo período de 2023, com pequena redução de 0,1%.

No recorte por agregado, a agropecuária teve redução de 20,4% em maio (US\$ 277,8 milhões), puxada pela soja e derivados, condizente com a esperada redução da atual safra. Ainda assim, a soja continua liderando a exportação com um valor total de US\$ 900,6 milhões de janeiro a maio, mas com perda de participação na pauta exportadora e redução de 6,8% nas receitas do ano no comparativo interanual. O grão respondeu por 21,1% das receitas de exportação total do estado, no acumulado até maio, contra 22,6% em igual período de 2023.

No lugar do grão, no acumulado do ano, avançaram outros itens, tanto da agropecuária como o algodão – que cresceu 306%, com 8,2% de participação no total – e a indústria de transformação ligada ao agro – papel e celulose –, que também acusa crescimento no ano de 21,4%, com 11% de fatia das exportações. Juntos, os dois setores responderam por 22,4% da pauta exportadora de janeiro a maio, um avanço em relação aos 13,8% de iguais meses de 2023.

A despeito do bom desempenho do setor de papel e celulose, que acusou crescimento de 96,1% nas vendas do mês, a indústria de transformação teve redução de 20,4% em maio (US\$ 277,8 milhões), principalmente puxada pelo refino (-77%), enquanto que a indústria extrativa teve crescimento de 12,4%, com acréscimo de US\$ 13,4 milhões no comparativo interanual.

As exportações baianas para a China, principal destino das vendas estaduais, caíram 11,8% em maio. As vendas totais para a Ásia também recuaram 29,1%. Para a União Europeia, cresceram 21,0% no mesmo período, assim como para a América do Norte (4,7%). Os embarques para a América do Sul recuaram 43,6%, puxados pela Argentina que, em recessão aguda, teve queda nas compras de 52,0%.

Estados Unidos, União Europeia e outros países vêm acusando a China de ter acumulado um excesso de

**Tabela 1 – Balança comercial – Bahia  
Jan.-maio – 2023/2024**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2023	2024	Var. %
Exportações	4.272.273	4.267.140	-0,12
Importações	4.104.528	4.677.730	13,97
Saldo	167.745	-410.590	-
Corrente de comércio	8.376.801	8.944.870	6,78

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 jun. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

capacidade de produção em vários setores, como resultado de uma política de crescimento baseado no investimento e na exportação. E argumentam que os chineses estão desovando esse excesso de produção nos mercados globais. Nos últimos meses, vários países, inclusive o Brasil, adotaram medidas para limitar a entrada de aço chinês. A China pouco tem feito para responder a essas preocupações dos parceiros.

Segundo a Global Trade Alert (GTA), entidade que monitora mudanças de regras comerciais dos países que afetam o comércio global, a China é, de longe, o principal alvo de medidas restritivas. Mas não é o único. O número de medidas discriminatórias adotadas pelos países que dificultam o comércio disparou a partir de 2020, por causa da pandemia, e segue em nível muito alto.

A tendência é bastante clara: os países estão cada vez mais recorrendo a medidas protecionistas, dificultando o comércio, e aqueles que podem adotar ainda medidas de apoio à produção local. É um mundo de comércio cada vez mais controlado, em que tensões não resolvidas permanecem uma ameaça ao comércio global, que pode piorar se mais países e indústrias forem arrastados para a disputa.

Enquanto os EUA e seus aliados condenam o “excesso de capacidade” industrial da China e reagem com medidas restritivas e sobretaxas, aqueles que estreitam vínculos com a “fábrica do mundo” estão recebendo uma ajuda em seus esforços para domar a inflação.

Os preços ao produtor na China caíram 1,4% ao ano em maio, marcando o 20º mês seguido de declínio, segundo dados oficiais divulgados ontem. É a maior sequência desde o período de 2012 a 2016. Esses preços mais baixos estão repercutindo no exterior – os embarques aumentaram, enquanto os preços das exportações caíram 14% desde o começo de 2013.

Os preços baixos estão diminuindo margens de lucro dos fabricantes chineses e alimentando as tensões comerciais com os EUA e outros países, mas também estão ajudando os bancos centrais de muitos países emergentes a conter as pressões inflacionárias. As economias que mais se beneficiam são aquelas que dependem mais fortemente de produtos chineses, especialmente de bens ligados ao mercado da construção, que tiveram as maiores quedas de preços.

E essa tendência não deverá mudar tão cedo. A China está presa num período de deflação – os preços ao consumidor subiram apenas 0,3% ao ano em maio – em meio à fraca demanda local e uma crise no mercado imobiliário, o que deixa as autoridades dependentes de vendas fortes no exterior para cumprir suas metas de crescimento. E a composição de seus clientes está mudando.

As vendas da China para as economias avançadas representaram algo em torno de 56% do total em 2023, abaixo de 63% de uma década atrás, com a proporção para os EUA caindo de 20% para 13% no período – baseado em dados do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Os preços de importação e os preços ao produtor dos mercados emergentes estão correlacionados aos preços de exportação da China. Acredita-se que a deflação dos preços das exportações chinesas fornecerá um impulso no esforço para levar a inflação de volta à meta nos países emergentes.

A degradação do setor imobiliário da China e a redução do apetite por produtos que vão do vidro ao aço

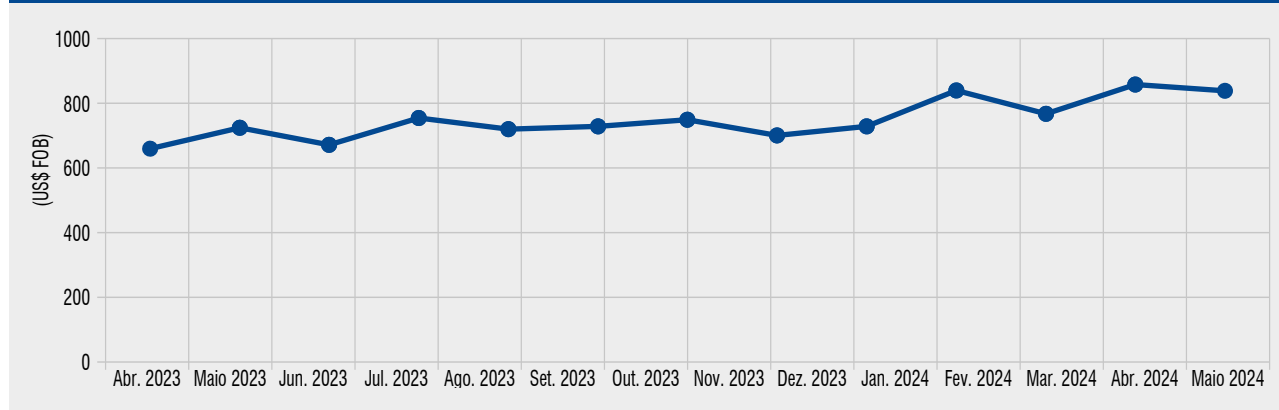
levaram os fabricantes a caçar clientes em outros países. Enquanto alguns mercados emergentes se beneficiam desses preços mais baixos, a inflação continua persistente nos EUA e Europa, onde os governos aumentam as medidas protecionistas contra a inundação de produtos da China.

Depois de um aquecimento nos preços no início do ano, a inflação nos EUA desacelerou em maio pelo segundo mês seguido, de acordo com dados oficiais divulgados em junho. A tendência, caso se mantenha, pode levar o Federal Reserve Bank (FED) a ficar mais perto de cortar sua taxa de juros, hoje no maior patamar em 23 anos. Em maio, o núcleo do índice de preços ao consumidor, que exclui os custos dos alimentos e da energia, mais voláteis, subiu 0,2% no mês, com uma alta de 3,4% na comparação anual, resultado que ficou abaixo dos 3,6% de abril e das expectativas dos analistas.

No Brasil, o forte acúmulo de divisas com as vendas externas está ajudando a impedir uma desvalorização mais forte do real. Até maio, apesar de a saída pelo câmbio financeiro ter sido o dobro da do mesmo período do ano passado (US\$ 27,6 bilhões ante US\$ 13 bilhões), o saldo do câmbio comercial, de US\$ 33,7 bilhões, foi mais que suficiente para garantir um fluxo de divisas no início do ano.

Com isso, as perspectivas para a balança comercial brasileira continuam boas, assim como segue importante sua contribuição para o equilíbrio dos fluxos financeiros, que têm pressionado a favor da valorização do dólar. No *front* externo, pelo menos, a situação brasileira continua muito confortável.

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – 2023-2024



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em maio 2024  
Elaboração: SEI.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado continuam subindo em relação ao mesmo mês de 2023, seguindo a tendência de alta registrada desde janeiro nesse comparativo. Eles tiveram incremento, na média, de 27%, ante o mesmo mês do ano anterior, ficando, entretanto, 2,3% abaixo quando comparados ao mês imediatamente anterior.

Mesmo com o dólar tendo atingido em maio o maior patamar desde janeiro de 2023, perto de R\$ 5,30, diante do aumento das incertezas globais e da piora recente na percepção de risco local, a volatilidade do real segue bem distante dos picos dos últimos anos. Se, em momentos de estresse no passado, essa volatilidade superava com alguma folga a marca de 20%, chama atenção a tendência de queda desse indicador, medido pelo desvio do piso e do teto das cotações em relação à média do dólar em um determinado período. Em maio, a volatilidade realizada média do câmbio doméstico ficou em 9,71%.

Ainda que esse fenômeno de oscilações mais contidas no câmbio doméstico não seja exclusivo do Brasil, a menor volatilidade do real tem se consolidado de forma mais estrutural. E, na visão de participantes do mercado, um fluxo de capitais vindo das exportações, tanto pela robustez quanto pela estratégia de

exportadoras de internalizar dólares em momentos de depreciação mais aguda do câmbio, é o que ajuda a explicar a menor instabilidade do câmbio.

Mas, se por um lado, a menor aposta no real ajudou a reduzir a volatilidade nos recentes momentos de estresse, por outro, acabou alimentando a desvalorização da moeda. Isso, ao lado de outros fatores, como o estreitamento do diferencial de juros entre Brasil e EUA e a piora na percepção de risco com a questão fiscal brasileira fizeram com que o intervalo do câmbio mudasse, ao passar de R\$ 4,80 a R\$ 5 por dólar para a faixa entre R\$ 5,10 e R\$ 5,30 por dólar.

Assim, mesmo com a volatilidade em níveis baixos, o câmbio brasileiro continua em processo de desvalorização e se descola de outros mercados emergentes. Diante disso, o real tem tido uma performance pior do que a dos pares. Os ruídos locais custaram para nossa moeda. Ainda que a volatilidade não diga isso, o real perdeu poder de compra.

Mesmo com uma redução de 16,6% em seus preços médios, no comparativo interanual, a soja e seus derivados permaneceram na liderança da pauta no acumulado até maio, com embarques que totalizaram 1,98 milhão

**Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-maio – 2023/2024**

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2023	2024			
Soja e derivados	966.328	900.558	-6,81	21,10	-16,64
Petróleo e derivados	1.096.771	766.290	-30,13	17,96	14,92
Papel e celulose	501.677	609.071	21,41	14,27	10,90
Químicos e petroquímicos	451.571	393.139	-12,94	9,21	-3,58
Algodão e seus subprodutos	85.851	348.541	305,98	8,17	6,33
Metais preciosos	252.485	279.710	10,78	6,55	230,31
Minerais	177.471	295.951	66,76	6,94	105,12
Café e especiarias	74.995	113.906	51,89	2,67	-4,96
Metalúrgicos	185.694	99.530	-46,40	2,33	-39,34
Cacau e derivados	82.402	112.763	36,84	2,64	61,79
Borracha e suas obras	85.470	82.964	-2,93	1,94	11,02
Frutas e suas preparações	66.761	75.662	13,33	1,77	15,63
Calçados e suas partes	38.723	35.130	-9,28	0,82	20,11
Sisal e derivados	38.054	34.106	-10,37	0,80	-0,43
Couros e peles	14.427	24.564	70,26	0,58	-26,91
Máquinas, aparelhos e materiais mecânicos e elétricos	7.419	21.963	196,04	0,51	18,00
Fumo e derivados	12.042	15.226	26,44	0,36	4,92
Carne e miudezas de aves	12.962	13.567	4,67	0,32	7,57
Milho e derivados	89.207	5.552	-93,78	0,13	-22,83
Demais segmentos	31.963	38.900	21,71	0,91	-7,14
<b>Total</b>	<b>4.272.273</b>	<b>4.267.140</b>	<b>-0,12</b>	<b>100,00</b>	<b>12,71</b>

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 jun. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>  
Elaboração: SEI.

de toneladas, o que representou um aumento de 11,8% frente ao mesmo período do ano passado, resultando em uma receita de US\$ 900,6 milhões, 6,8% inferior a igual período de 2023. Isso ocorre por conta da desvalorização do grão no mercado internacional.

A soja, segundo a Conab, deve apresentar um ciclo de baixa, apesar da maior área plantada, com aumento de 3,1% em relação à temporada passada, alcançando um total de quase dois milhões de ha. A produção deve recuar em 3,1%, para 7,48 milhões de toneladas na atual temporada, em comparação com o ciclo anterior. Com isso, a produtividade estimada é de 3,78 toneladas/ha, representando uma queda de 6,0%.

Quem vem ganhando destaque nas exportações é o setor de papel e celulose. As exportações do setor atingiram até maio US\$ 609,1 milhões, o que representa um aumento de 21,4% no comparativo interanual. O volume embarcado também cresceu 9,5% no período. Já os preços acusaram ganhos de 11% em média.

Em 2024 até o início de junho, calcula-se que 1 milhão de toneladas de celulose saíram do mercado por diferentes razões. Uma série de eventos inesperados, como greves e paradas não programadas, reduziram a disponibilidade da fibra no mercado global e contribuíram para manutenção dos estoques em níveis ainda aquém do que é considerado adequado.

Diante do desajuste entre oferta e demanda, houve aplicação de reajustes consecutivos desde meados do ano passado. Em 12 meses, até o começo de maio, o preço líquido da celulose de fibra curta subiu mais de 40% na China, e o preço de referência, na Europa, avançou 23%, alcançando o maior nível nominal da história.

O algodão, as frutas e os derivados de cacau também apresentaram desempenho positivo tanto pela questão preço como no aumento do volume embarcado. O valor exportado de algodão – US\$ 348,5 milhões – acusou o maior incremento da pauta este ano: 306%. A produção do produto está estimada em 1,63 milhão de toneladas, plantada em 346 mil ha, o que representa um crescimento de 6,8% em relação ao ciclo 2022/2023.

Os derivados de cacau acusaram crescimento de 36,8% na esteira da alta do cacau no mercado internacional. O aumento do preço do cacau se dá em meio ao impacto de doenças nas plantações e condições climáticas adversas, que provocaram fortes quedas na produção na África Ocidental, enquanto a demanda por chocolate aumenta

nos países emergentes e os consumidores em países ricos compram mais chocolates “premium”.

Já as frutas continuam com alta nos preços, que subiram 15,6% no comparativo interanual, com crescimento de 13,3% nas receitas. O desempenho mais fraco de países concorrentes, com suas produções afetadas pelo El Niño, ajudou no resultado.

Na indústria de transformação, destaque para o aumento dos preços médios dos derivados de petróleo no comparativo interanual em 14,9%, que ainda não foi refletido no volume embarcado que recuou 39,2% até maio.

O petróleo vem mantendo alta no ano, apesar da volatilidade. O mercado estava em baixa antes da decisão da Opep, por conta de preocupações macroeconômicas sobre taxas de juros globais e da fraqueza da economia chinesa. No entanto, a fraqueza dos preços do petróleo é momentânea, sendo esperado que a cotação retorne em breve e fique perto dos US\$ 90 no segundo semestre deste ano.

A decisão da Opep elimina incertezas sobre o cartel nos próximos meses, o que abre espaço para que os preços voltem a subir. O cartel diz que continua monitorando o mercado e estará preparado para tomar novas medidas conforme necessário para manter um mercado estável. Com uma estrutura de mercado rígida e potenciais pontos de conflitos eliminados, não há razão para pensar que os preços não devam subir.

No setor químico/petroquímico houve queda de preços (-3,6%), de receitas (-12,9%) e no volume embarcado (-9,7%). Em meio à acomodação da demanda global e do aumento da capacidade instalada no mundo, não só de petroquímicos, mas de produtos como aço e papéis usados em embalagens, os chineses aceleraram o ritmo de exportação e levaram à adoção de medidas de proteção comercial em diferentes países.

No Brasil, que se tornou um dos principais destinos da produção excedente, as divergências são crescentes e, por enquanto, as iniciativas ainda são tímidas. Até agora, entre os setores que pedem medidas de proteção, a indústria siderúrgica assegurou a imposição de cotas de importação, por 12 meses, para 11 produtos, com elevação da alíquota a 25% para os volumes que excederem o estabelecido. Mas a medida pode ter impacto limitado, uma vez que as importações continuam em alta e a notícia de que haveria medida de proteção levou à formação de estoques adicionais ao longo da cadeia de valor.

As importações continuam registrando recuperação galopante. Em maio, pelo quarto mês consecutivo, acusou crescimento de 130,8% nos desembarques, o que se refletiu nos desembolsos que cresceram 115% – US\$ 1,48 bilhão –, a despeito da redução dos preços médios em 6,8% no comparativo interanual.

Desta vez, os combustíveis e bens intermediários, que juntos responderam por 96,8% do total das compras estaduais, foram responsáveis pelos maiores incrementos: 294% e 39,2%, respectivamente. Destaque para o grande aumento nas compras de gás (GNL) e óleos brutos de petróleo. Já o aumento das importações de bens intermediários é um indicativo de recuperação da atividade industrial, já captado no primeiro trimestre, quando o setor cresceu 3,3% em relação a igual período do ano anterior.

No acumulado do ano, até maio, os desembarques cresceram 30,6% e os desembolsos atingiram US\$ 4,7

bilhões, com aumento de 14% no comparativo interanual. Os setores que puxaram o crescimento do volume foram o de combustíveis, com aumento de 60,4%, fertilizantes (33,4%) e trigo (121,6%).

**Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-maio – 2023/2024**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2023	2024	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	2.548.325	2.342.766	-8,07	50,08
Combustíveis e lubrificantes	1.296.018	2.078.701	60,39	44,44
Bens de capital (BK)	197.865	192.779	-2,57	4,12
Bens de consumo (BC)	62.152	62.936	1,26	1,35
Bens não especificados anteriormente	168	547	224,94	0,01
<b>Total</b>	<b>4.104.528</b>	<b>4.677.730</b>	<b>13,97</b>	<b>100,00</b>

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 jun. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>  
Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

